

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

MARILENA CERQUEIRA SIQUEIRA ROSA

**JOGO DE TABULEIRO NO ENSINO DE HISTÓRIA:  
O CONTINENTE AFRICANO E SUA DIVERSIDADE**

Juiz de Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ROSA, Marilena Cerqueira Siqueira.  
JOGO DE TABULEIRO NO ENSINO DE HISTÓRIA : O CONTINENTE AFRICANO E SUA DIVERSIDADE / Marilena Cerqueira Siqueira ROSA. – 2016.  
40 p.

Orientador: Daiana Lucas VIEIRA  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.  
Especialização em História da África, 2016.

1. Educação. 2. História da África. 3. Jogo de Tabuleiro. I. VIEIRA, Daiana Lucas, orient. II. Título.

MARILENA CERQUEIRA SIQUEIRA ROSA

JOGO DE TABULEIRO NO ENSINO DE HISTÓRIA:  
O CONTINENTE AFRICANO E SUA DIVERSIDADE

Trabalho de conclusão de curso de Pós- Graduação em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, elaborado como requisito necessário para certificação da Especialização em História da África.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Daiana Lucas Vieira.

Juiz de Fora - MG  
2017

*Dedico este trabalho a todos que  
contribuíram direta ou indiretamente  
em minha jornada, durante o curso.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especialmente:

A “Grande mãe”, a quem devo minha vida.

A minha família e meus filhos, Luíza e Gabriel, que sempre me apoiou nos estudos e nas escolhas tomadas.

A Willian por sempre me incentivar e compreender nos momentos difíceis.

A orientadora Prof. Daiana que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

A Ana Cristina (Tininha) Pela amizade e hospitalidade aos finais de semana, uma irmã a qual serei sempre grata.

Aos meus colegas pelo companheirismo e disponibilidade para me auxiliar em vários momentos.

"Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa"

André Dias frc

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é apresentar um jogo de tabuleiro, sobre a diversidade cultural do continente africano, que possa ser jogado com alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental.

Partindo do pressuposto que estudar um continente e uma sociedade tão pouco explorada nas salas de aula, onde a maioria dos alunos não tem a menor ideia da realidade do continente africano, estes irão adquirir conhecimentos de tempos e espaços diversos e costumes e culturas da história da África, as quais muitas herdamos.

Elaborei o material didático que tem como objetivo, estudar a diversidade cultural africana, para podermos proporcionar aos professores de história, uma atividade leve e lúdica em sala de aula, aumentando assim o interesse e a participação dos alunos.

Os jogos de tabuleiro são úteis para estimular e desenvolver importantes habilidades, como a comunicação verbal, o raciocínio lógico e a interação social, permitem trabalhar regras e a desenvolver conceitos, e também uma socialização entre os alunos e o professor, qualquer que seja a idade dos jogadores, resultando em maior interesse nas aulas de história. Além disso, os jogos são importantes para ensinar o conceito de limites: assim como na vida, o jogo tem certas regras que devem ser obedecidas.

O jogo contribuirá para desconstruir o imaginário que muitos alunos possuem em relação ao continente, tirando a visão errônea e limitada sobre o assunto, de que África é sinônimo de pobreza, miséria, doenças e de uma região atrasada, sem recursos, parado no tempo.

Os jogos de tabuleiros são comuns em nosso meio. São jogos para um ou mais jogadores. Os jogos de tabuleiro podem requerer apenas sorte ou conhecimento, estratégia ou memória. Alguns são muito tradicionais, tais como: Xadrez, Banco Imobiliário, Damas e Trilha.

Existem poucos jogos elaborados em formato didático para se trabalhar história em sala de aula em diversas temáticas. Assim, acreditamos que nosso material didático, o jogo de

tabuleiro sobre o continente africano e sua diversidade, possa auxiliar muitos professores a trabalhar de uma maneira mais leve, contribuindo assim para o melhor aprendizado do aluno.

## DESCRIÇÃO

A utilização do jogo para a educação vem sendo discutido por importantes teóricos da educação, tais como: Paulo Freire, Johan Huizinga, Jean Piaget, entre outros. Todos os estudiosos do tema parecem concordar quanto à amplitude que o vocábulo jogo pode apresentar e discutem os caminhos para se chegar a uma definição para o termo.

O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições mais rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica<sup>1</sup>

Segundo Huizinga, o jogo é um elemento da cultura humana, pois o jogo é mais primitivo do que a cultura, pois faz parte daquelas coisas em comum que o homem partilha com os animais. O autor acrescenta que “a existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização ou a qualquer concepção do universo”.<sup>2</sup> Para o autor, Jogo é uma atividade voluntária, exercida dentro de determinados limites de tempo e espaço, seguindo regras livremente consentidas, porém, obrigatórias, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e que foge do cotidiano.

Piaget escreve a respeito do papel dos jogos na infância para a formação do adulto. Segundo ele: “O jogo constitui o polo extremo da assimilação da realidade no ego, tendo relação com a imaginação criativa que será fonte de todo o pensamento e raciocínio posterior”.<sup>3</sup>

Infelizmente, muitos professores separam o trabalho com jogos da realidade escolar, deixando de incluir essa importante ferramenta no processo de aprendizado, delegando à mesma apenas os poucos momentos de recreação. Muitos educadores não veem o jogo como um meio para se construir aprendizagem junto com o aluno. Acreditando nos jogos apenas como suportes para preencher as horas vagas.

---

1 HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.03

2 Idem. p. 32

3 PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p.32

No jogo, verificamos o esforço do jogador para vencer, ele precisa se esforçar para conseguir esse objetivo. Quanto mais presente o espírito competitivo, maior será o nível de concentração e aprendizagem para conseguir a vitória no jogo. A este elemento de esforço pela vitória, deve ser conferido um valor ético, na medida em que a qualidade do jogador, a capacidade espiritual e a lealdade são colocadas à prova. Isso porque, mesmo ao considerar o desejo da vitória, aquele jogador deverá sempre respeitar as regras do jogo.

Acredito que o aprendizado também se constrói através de um jogo, com esse complemento, evita-se aulas repetitivas e monótonas, despertando o interesse do aluno pela descoberta de maneira prazerosa e com responsabilidade.

A História africana e sua diversidade cultural é um tema amplo, rico e complexo, mas muito pouco aproveitado nas salas de aula, não só por despreparo de alguns professores, que muitas vezes nem são da área da educação, mas também por falta de material didático que possa complementar e auxiliar o professor dentro de sala.

A proposta desse trabalho de conclusão de curso é apresentar um material didático desenvolvido por mim ao final do curso de pós-graduação em História da África, que consiste em um jogo de tabuleiro, com o tema África. Visando não só enriquecer a aula, mas também aguçar o aluno a pesquisar e a se interessar mais pelo assunto, para que se desconstrua a ideia errada sobre o continente, que a mídia ainda insiste em mostrar.

### **Justificativa**

O material didático destina-se ao aprendizado através de jogos de tabuleiro explorando a comunicação verbal, o raciocínio lógico e a interação social. Cabe ao jogador, alcançar o maior número de acertos em cada partida e bater o recorde de acertos em cada jogada, se tornando um craque em conhecimentos gerais sobre a história da África.

O jogo foi baseado no “jogo da inteligência da língua portuguesa” existente no mercado.

## **Objetivo e metodologia do Material Didático**

Apresentar os jogos de tabuleiro, como recurso pedagógico, para auxiliar os professores de história no aprimoramento das aulas sobre história africana, além de proporcionar-lhes o estreitamento da relação professor/aluno.

Os jogos de tabuleiro permitem que o aluno desenvolva atividades intelectuais e cognitivas de forma divertida, buscando estratégias para atingir um objetivo.

### **Dados do jogo:**

#### **O que o aluno poderá aprender com este jogo:**

1. Desenvolver o raciocínio lógico e a imaginação;
2. Criar esquemas mentais;
3. Respeitar regras e normas;
4. Aprender a ganhar e a perder;
5. Diferenciar adversários de inimigos;
6. Desenvolver atitudes de interação, colaboração e troca de experiências em grupo;
7. Respeitar diferentes pontos de vista que as pessoas possuem sobre o assunto.
8. Aprender sobre diversos assuntos relacionados ao continente africano como cultura, costumes, religiões, continente, e etc.

### **Duração das atividades**

Aproximadamente 100 minutos – 02 aulas.

### **Indicação de conhecimentos prévios necessários ao aluno que irá utilizar o jogo**

Para a realização deste jogo seria ideal que o aluno tenha habilidades básicas de leitura e de interpretação. Além disto, é preciso que seja capaz de expor suas ideias e de se relacionar com os colegas.

### **Componentes do jogo:**

1. 6 tabuleiros;
2. 1 bandeja de cartas;
3. Dado com numeração de 1 a 3 para saber qual a questão a Banca examinadora terá que ler;
4. 30 cartas contendo 3 perguntas e respostas sobre a História da África, totalizando 90 perguntas;
5. 24 fichas com as alternativas de respostas ( 5 letras A, 5 letras B, 5 letras C e 5 letras D);
6. 6 giz de cêra para marcação das pontuações
7. 1 apagador de flanela;

#### **Objetivo do Jogo:**

Alcançar maior número de acertos em cada partida e bater o recorde de acertos em cada jogada, adquirindo conhecimentos gerais sobre o Continente Africano e sua diversidade que propiciam ao aluno uma mudança no olhar em relação a África.

#### **Desafios:**

1. **Desafio 1:** Acertar o maior número de perguntas possível superar o número de acertos a cada partida .
2. **Desafio 2:** Gabaritar as três das partidas.
3. **Desafio 3: (final):** Tornar-se “craque” em História africana.

Um jogador é escolhido para representar a “Banca Examinadora”. Este fará as perguntas e dirá as respostas corretas no momento certo.

#### **Caberá também à Banca examinadora:**

1. Anular a pergunta se algum jogador disser a resposta antecipada ou cometer algum ato que julgue passível de anulação;
2. Eliminar da partida o jogador que cometer algum ato que prejudique outro jogador ou atrapalhe o jogo, como por exemplo, “soprar” a resposta ou falar a resposta antecipadamente, ou ainda, “colar” a resposta de outro jogador;

3. Verificar ao final de cada partida, se algum jogador “zerou” ou acertou menos de 50% das perguntas, informando-o da sua eliminação do jogo.
4. Distribuir para os jogadores as fichas com as opções de resposta ( A,B,C e D) e os tabuleiros individuais;
5. Embaralhar as cartas com as perguntas e dividi-las em 3 montes de cartas, colocando-as na bandeja de cartas (1 monte para cada partida).

**Banca examinadora:**

A Banca Examinadora distribui para cada participante as fichas com as opções de resposta (A, B, C e D) e, depois embaralha as cartas com as perguntas dividindo-as em 3 (três) montes e o monte da vez coloca na bandeja de cartas. Quando todos os jogadores estiverem prontos e posicionados com os seus tabuleiros, o jogador responsável pela banca examinadora pode pegar a primeira carta do monte escolhido na bandeja de cartas e em seguida rolar o dado para saber qual será a pergunta da carta que será feita.

Então, a banca examinadora faz a pergunta dando as alternativas de resposta. Todos os jogadores deverão colocar no espaço RESPOSTA de seu tabuleiro a letra ( virada para baixo) que achar que é a resposta correta. A banca examinadora, então, fala a resposta correta e pede aos jogadores que desvirem a ficha. O jogador que acertar, coloca no espaço COMPUTO DE PONTOS um (X) ao lado do número que corresponde a pergunta feita. O jogador que errar a resposta deixa o espaço em branco.

**Observação: Só poderá ser feita uma pergunta de cada carta. Depois que for feita a pergunta, a carta usada vai para o final do monte que estava.**

**As partidas:**

Cada partida é composta por 10 perguntas. Ao final de cada partida, o jogador deverá computar o número de acertos e anotar no espaço que corresponde à partida realizada, o total de pontos que fez. O jogador que zerar a partida ou acertar menos de 50% das perguntas será eliminado do jogo. O jogo segue com os jogadores tentando vencer os desafios 1,2 e3

**Vencedor:**

O vencedor do jogo será aquele que acertar o maior número de perguntas, totalizando, ao final de cada partida, o maior número de acertos (pontos) quando o jogo terminar, mesmo que os jogadores não decidam jogar as três partidas sugeridas.

**Algumas perguntas que aparecerão nas cartas do jogo:**

1) O continente africano sofreu (e ainda sofre) com várias políticas ditatoriais. Muitas delas foram financiadas por países europeus e pelos Estados Unidos, principalmente durante a Guerra Fria. Um dos regimes mais violentos foi o apartheid, que se caracterizou por uma política racial imposta pela população branca (minoridade) sobre os habitantes negros (maioria). Marque a alternativa que corresponde ao país africano que foi palco do regime apartheid.

- a) Ruanda
- b) Haiti
- c) Nigéria
- d) Somália
- e) **África do Sul**

2) No processo de ocupação da África Negra pelos europeus surgiu um tipo étnico chamado afrikander descendente de:

- a) ingleses belgas, de formação anglicana.
- b) dinamarqueses e holandeses, de formação calvinista.
- c) portugueses e espanhóis, de formação católica.
- d) **holandeses e alemães, ligados a Igreja Reformada Holandesa.**

3) Nas montanhas do Tell (ramificação da cadeia dos Atlas), concentra-se a população de que país africano?

- a) Egito
- b) **Argélia**
- c) Etiópia
- d) Uganda

4) Na África, uma extensa faixa que se estende no sentido leste-oeste, desde a Europa até o Senegal abrangendo todo o sul do Saara, recebe de seus habitantes a denominação de Sahel. É área caracterizada pelo predomínio de:

- a) vegetação mediterrânea.
- b) floresta equatorial.
- c) floresta tropical.
- d) estepes.**

5) Qual o item que apresenta apenas países africanos.

a) Nigéria, Jamaica e África do Sul

**b) Madagascar, Angola e Argélia**

c) Haiti, Somália e Zâmbia

d) Camarões, Egito e Trinidad e Tobago

e) Paquistão, Marrocos e Costa do Marfim

6) É o maior país produtor de petróleo da África do Norte, cuja exploração é feita no deserto do Saara. Trata-se do (a):

a) Marrocos

b) África do Sul

c) Zaire

**d) Líbia**

7) Reino que por sua grande quantidade de ouro, começou a ser cobiçado pelos reinos vizinhos, sendo conquistado pelos integrantes do Império Mali:

**a) Gana**

b) Costa do Marfim

c) Monjolo

d) Congo

8) Rio de grande importância para o desenvolvimento do Império Mali:

- 1. Amazonas
- 2. Nilo

3. **Níger**
4. Negro
5. Solimões

9) As principais riquezas do reino africano de Gana são:

1. Ouro, prata e diamantes.
2. **o sal, tecidos, cavalos, noz de cola, escravos e ouro.**
3. A prata, o mercúrio e a pimenta.
4. O óleo de palma, a noz de cola e o ébano.

10) A figura do rei representava, além do poder político, uma relação com as questões míticas, que explicavam a origem e organização da sociedade bantu. Suas vestimentas e os adornos eram uma constante representação de sua cosmovisão". Como pontuado pelo viajante português, Luca Caregnato, o rei do Congo era uma figura central para o funcionamento da sociedade. Assinale a alternativa que melhor explique essa importância.

**a) O rei do Congo representava a figura do herói presente no mito fundador do reino.**

b) O rei do Congo era detentor da cariapemba.

c) O rei do Congo tinha atributos divinizados e era conhecedor da técnica de metalurgia.

1. Todas as alternativas anteriores.

11) Banto ou bantu é um termo utilizado para se referir a um tronco linguístico, ou seja, é uma língua que deu origem a diversas outras línguas em que região do continente africano?

**a) Centro e sul**

b) centro e norte

c) norte e sul

d) leste e norte

12) As famosas **máscaras africanas** possuem desenhos elaborados e são utilizadas em

1. Decoração
2. **cerimônias e rituais.**
3. Viagens pra espantar maus presságios
4. Nas entradas das vilas e cidades

13) A **metalurgia** também era conhecida e utilizada para fabricar armas, ferramentas e adornos, sendo mais comum nas regiões

**a) de savana.**

b) de deserto

c) de floresta equatorial

d) de vegetação mediterrânea

14) A “Partilha da África” suscitou uma grande discussão ideológica e científica que procurava justificar a “inferioridade” dos povos africanos e a “missão civilizatória” que a Europa desempenhava em seu processo de colonização. A corrente ideológica com bases científicas que mais se destacou nessa época foi:

a) a microbiologia

b) a antropologia cultural

c) o existencialismo

**d) o darwinismo social**

e) a sociobiologia

15) Qual cidade se destacou-se como grande centro cultural do continente africano, onde havia vastas bibliotecas, madrassas (universidades islâmicas) e magníficas mesquitas que é o lugar onde a comunidade muçulmana se reúne para tratar de todas as questões que lhe

interessa, questões religiosas, sociais, políticas e locais e também para rezar. Além disso, a cidade passou a ser o ponto de encontro de poetas, intelectuais e artistas da África e do Oriente Médio.

- a) Angola
- b) Cairo
- c) Luanda
- D) Tombuctu**

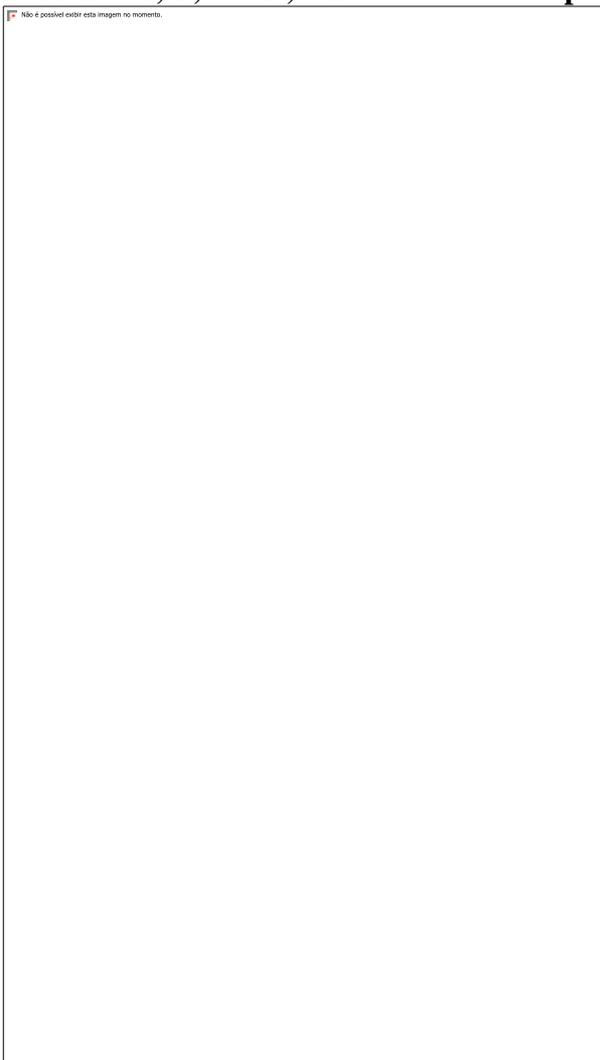
### **1. Imagem dos tabuleiros dos jogadores:**



### **2. Imagem do tabuleiro das cartas:**

 Não é possível exibir esta imagem no momento.

### 3. Fichas A, B, C e D, Giz de cera e dado para o desenvolvimento do jogo:



## **Bibliografia:**

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática - História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acessado em 01/12/2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/93966/lei-11645-08> Acessado em 07/12/2016.

FERMIANO, Maria A. Belintane. O Jogo como um instrumento de trabalho no ensino de História? In: História Hoje. ANPUH. vol. 3. n 07, julho 2005. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/historiahoje/vol3n7/maria.htm> . Acesso em: 1/12/2016

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

## **Sites consultados para elaboração do jogo:**

<http://www.geledes.org.br/>

[http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar\\_aula&aula=49789&secao=espaco&request\\_locale=es](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=49789&secao=espaco&request_locale=es)

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19530>

<http://www.efdeportes.com/efd132/reflexoes-sobre-o-jogo.htm>

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v12n1/a07v12n1.pdf>

<http://blogdoprofessordaniel.blogspot.com.br/2011/01/o-conceito-de-jogo-em-johan-huizingae.html>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_das\\_cidades\\_mais\\_populosas\\_da\\_%C3%81frica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_cidades_mais_populosas_da_%C3%81frica)

<https://www.todamateria.com.br/cultura-africana/>

<http://portalbrasil10.com.br/cultura-africana/>

<http://evooafrica.blogspot.com.br/2012/05/costumes-africanos-curiosidades.html>

<http://www.infoescola.com/geografia/deserto-do-saara/>

<http://mundoafricano25.blogspot.com.br/>

[http://www.parceirosdaeducacao.org.br/arquivos/Congresso\\_de\\_Boas\\_Praticas/4o\\_Congresso/assets/nanci-castilho-gomes\\_nidelse-martins-de-almeida.pdf](http://www.parceirosdaeducacao.org.br/arquivos/Congresso_de_Boas_Praticas/4o_Congresso/assets/nanci-castilho-gomes_nidelse-martins-de-almeida.pdf)

**Instituto de Ciências Humanas- ICH**  
**Curso de Pós Graduação e especialização em História da África**

**Portfólio Acadêmico**

**Marilena Cerqueira Siqueira Rosa**

**Juiz de Fora**  
**(Março de 2016)**

**Marilena Cerqueira Siqueira Rosa**

**Portfólio Acadêmico**

**Portfolio Acadêmico construído ao longo da pós-graduação e apresentado ao professor de Seminário como requisito parcial para aprovação no curso de Pós Graduação e especialização em História da África da UFJF.**

**Juiz de Fora / MG**

**Julho de 2016**

## **Sumário**

	<b>Página</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS.....</b>	<b>6</b>
<b>3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS.....</b>	<b>9</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>

## **1- INTRODUÇÃO**

### **Histórias de vida e memória**

Sou professora do ensino médio e fundamental, leciono desde o ano de 2010 e atualmente estou como contratada do Estado, até 31 de dezembro de 2016, pela Escola Estadual Professor João Loyola, como Professora de História.

Os motivos que me trouxeram a este curso, ainda são os mesmos de minha carta de intenção. Tenho um interesse muito grande, desde o meu curso de graduação, pelas civilizações antigas, com ênfase na história dos povos africanos. Sempre senti uma carência muito grande em estudar o continente africano, seus povos e sua cultura, já que em minha graduação não tive essa matéria específica. Apenas estudei o Egito, juntamente com a Mesopotâmia como se ensinava anteriormente nas escolas. Terminei minha faculdade em 2002 e ainda não existia esta preocupação em desmistificar as informações errôneas que tínhamos sobre a história da África.

Em toda minha vida escolar nunca tive um professor negro e na faculdade o tema racismo nunca foi discutido dentro de nossa turma, talvez seja por que em minha turma acadêmica de trinta alunos somente uma era negra. Mas refletindo sobre isso hoje, fico me perguntando se algum dia essa minha amiga de faculdade se sentiu discriminada por algum de seus colegas de sala, ou se algum momento se sentiu constrangida. Acho que é um fato que não descobrirei, já que não tenho mais contato com muitos colegas de faculdade.

Sempre senti dificuldades em passar esse conteúdo por considerar que eu tinha pouca informação sobre o mesmo. Isso me deixava insegura. Então, ano retrasado, comecei a fazer pequenos cursos no Rio de Janeiro, no Museu dos Pretos Novos, para me informar um pouco sobre a cultura africana e a partir daí, me apaixonei pelo assunto.

O interesse em aprimorar os meus conhecimentos sobre o continente africano, que até então trabalhava de forma superficial em minhas aulas, não sabendo ao menos, transformar assuntos preconceituosos em excelentes aulas de igualdade, cidadania, educação e principalmente respeito ao colega, me fizeram sentir que este curso está valendo a pena. Pois me vejo mais segura quando toco nesta temática durante minhas aulas, mais informada e mais consciente de como aplicar cada conteúdo aprendido no curso.

Porém, o curso de Pós Graduação em História da África me despertou para algo que vai além da sala de aula. O curso me fez enxergar hábitos e comportamentos, que antes passavam despercebidos aos meus olhos e que eram de cunho racista, preconceituoso e que nunca teria podido expandir a minha crítica se não estivesse fazendo esse curso.

Minha expectativa com curso está sendo bem positiva, tudo aquilo que eu almejava aprender sobre o legado dos povos africanos, está sendo, de grande relevância em minha vida profissional. Tenho despertado grande interesse por parte dos alunos, quando levo até eles assuntos aprendidos no curso de pós-graduação. O curso, oferecida pela UFJF, tem me dado base para trabalhar com meus alunos de forma mais específica e abrangente. Antes, tinha dificuldades ao acesso a materiais que possibilitasse trabalhar com conteúdos dos povos africanos.

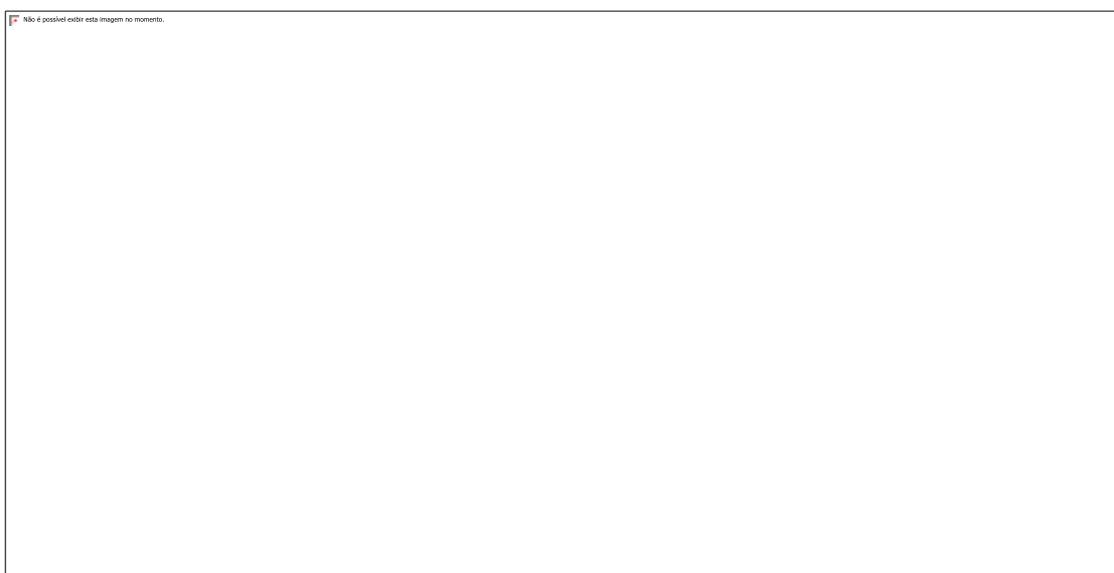
Um objetivo de vida importante para mim, que me impulsiona desde antes de minha entrada no curso, é poder me preparar melhor através do conhecimento histórico para um possível Mestrado num futuro próximo. Esse objetivo é o que ainda mais desejo e me motiva.

Ubá, 03 de maio de 2016.

Marilena Cerqueira Siqueira Rosa

## **2 - REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS**

O Curso de Pós- Graduação em História da África teve sua aula inaugural no dia 03/10/2015, sexta feira, com a Professora Fernanda Thomáz e o Professor Robert Daibert que nos receberam com uma palestra de abertura com a professora Sônia Lages e com sorteio de vários livros sobre o tema África.

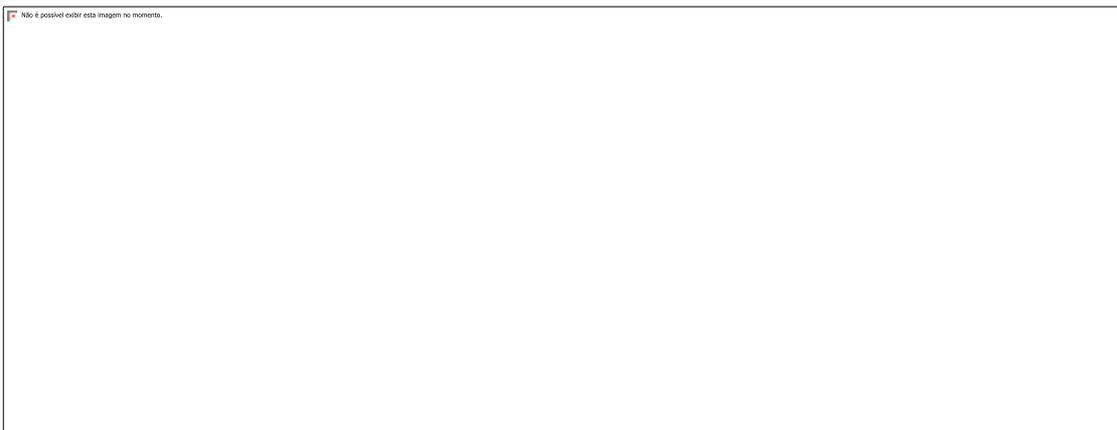


No sábado, dia 04/10, fizemos uma dinâmica no pátio do ICH, A Caminhada do Desconhecimento sobre a África. Foi uma atividade muito interessante, através dela, tive a certeza de que eu sabia muito pouco sobre esse continente ao qual sempre tive vontade de conhecer a fundo. Gostei tanto da dinâmica em grupo, que naquela semana mesmo, apliquei a caminhada do desconhecimento aos meus alunos, quando iniciei a matéria sobre a escravidão negra e eles amaram aprender se divertindo. Foi uma aula muito descontraída e com muitas descobertas por parte dos alunos e muita alegria e entusiasmo de minha parte ao ver que realmente eles estavam curtindo a aula.



Após a Caminhada do desconhecimento, seguimos para a sala de aula, onde nos foi apresentado o que seria e como seria o nosso curso.

A proposta do módulo I me fez refletir sobre o modo como África e africanos nos são apresentados em diferentes contextos históricos no Brasil e no mundo. Nas aulas, analisamos algumas teorias raciais e seus efeitos em diversas sociedades que geraram discussões importantes durante o módulo sobre racismo, africanismo, afrocentrismo e eurocentrismo. Pude perceber como as imagens em relação ao continente africano foram construídas e deturpadas ao longo do tempo. Ao final do módulo, apresentamos em grupo uma proposta de atividade, que pudéssemos desconstruir o imaginário sobre a África com os nossos alunos.



No Módulo II o tema foi Memória, Identidade e Cultura Escolar. Nossa Professora Sonia Regina Miranda, nos falou sobre o problema dos currículos escolares e suas seleções de

Memória que chocam com a forma temporal que orienta a elaboração do conhecimento histórico.

Problematizou conosco, os eixos Memória e Identidade, tomando por referência alguns teóricos do campo da Memória, e Cultura Escolar e Currículos, dando ênfase as práticas escolares em movimento.

Fiquei imensamente triste em não poder ter participado da excursão que a professora fez ao Museu da Maré, no Rio de Janeiro.

Numa de suas aulas, a professora nos apresentou o conto Omelete de Amoras do escritor Walter Benjamin, onde me fez recordar uma certa música que usei no meu primeiro dia de trabalho na sala do nono ano do ensino fundamental, que diz: (...) nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia(...). Aprendi que tempo e memória são coisas bem diferentes e que a minha memória e meu tempo são diferentes do tempo e memória de outra pessoa, que tenha vivido no mesmo ano que eu vivi a minha infância, por exemplo. Todos nós um dia fomos criança, mas nem todos puderam viver sua infância. Lição essa que também levei para os meus alunos pensarem.

Uma aula que me fez pensar muito foi a da professora Márcia Guerra no Módulo III, onde ela nos apresentou um vídeo chamado Vista a minha Pele. Me senti incomodada ao me colocar no lugar da personagem principal que sofria Racismo por ser branca num mundo onde a beleza e perfeição pertencia apenas aos negros. Pude sentir na pele o racismo e a discriminação. Não só eu, mas muitos na sala se emocionaram, muitos choraram. Copiei o Vídeo e pretendo passa-lo em sala de aula no início de agosto, quando tratarei desse tema em sala de aula.

Como foi relatado, durante todo o curso, tenho praticado nas minhas turmas, algumas aulas do curso de Pós Graduação, também estou mais habilidosa em resolver assuntos como racismo, bulling e tantas outras formas de opressão que vemos no nosso dia a dia em sala de aula. Minhas aulas tornaram-se mais interessantes e movimentadas. Tenho sentido essa mudança vendo o interesse dos meus alunos sobre o tema África, é como se um mundo novo se abrisse pra eles e pra mim também. Posso dizer com toda certeza do mundo que quero continuar descobrindo e aprendendo sobre esse continente pluricultural e fascinante.

### **3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS**

Como já havia dito, leciono em uma escola pública. Na escola onde eu trabalho, os outros professores de história continuam aplicando o CBC antigo aos alunos do sexto ao nono ano, não sei se por falta de interesse em preparar novas aulas ou se é por não dominar bem o novo conteúdo do currículo que trata muito mais de história do Brasil que história europeia. Já perguntei à supervisora e também alertei da mudança, mostrando o próprio CBC e suas novas aplicações, mas sempre ouço a mesma resposta: “aqui nós trabalhamos assim, se você quiser, dê sua aula como achar melhor”. Questionei também o porquê de não se aplicar a lei 10.639/03 e sempre cortam o assunto dizendo que sabem, mas não fazem.

Então, aproveitando a liberdade de dar minha aula como achar melhor, aproveitei no sétimo ano, a matéria do terceiro bimestre que seria escravidão e introduzi muita coisa que aprendi no curso de Pós- graduação.

Comecei minha aula pedindo que eles desenhassem o mapa da África em seu caderno e colorissem cada país. Enquanto faziam a tarefa, fui conversando com eles sobre como pensavam que o continente seria e a resposta que eu já esperava veio de vários alunos: “É um país, é um lugar de gente muito pobre, é um país mais atrasado que o nosso, só tem negros, tem muita doença, tem muito mosquito, tem selva...”.

Pedi que, enquanto coloriam o mapa, observassem com atenção os nomes que nele estava escrito e fui explicando que cada nome que eles pintavam era um país diferente e que na verdade, a África era um grande continente com muitas diversidades.

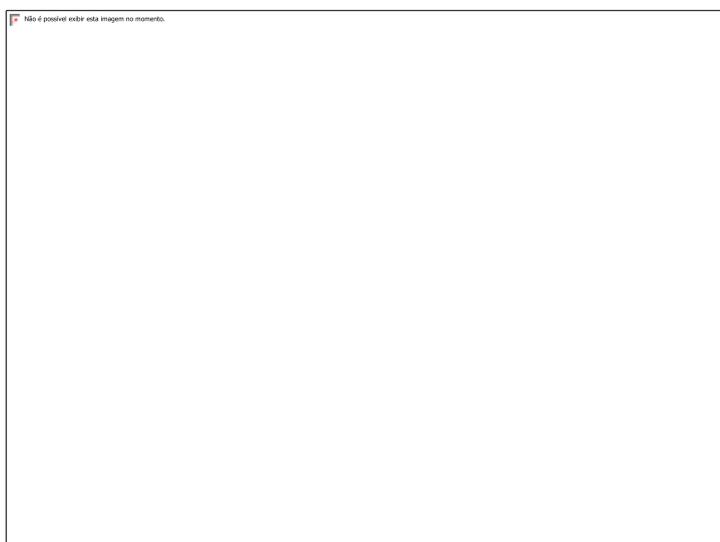
Ao longo da aula, fui explicando sobre os povos africanos e algumas de suas línguas, costumes, crenças entre outras perguntas que iam surgindo durante a conversa. Ficaram surpresos de saberem que não existe somente africano negro e que o Egito ficava na África!

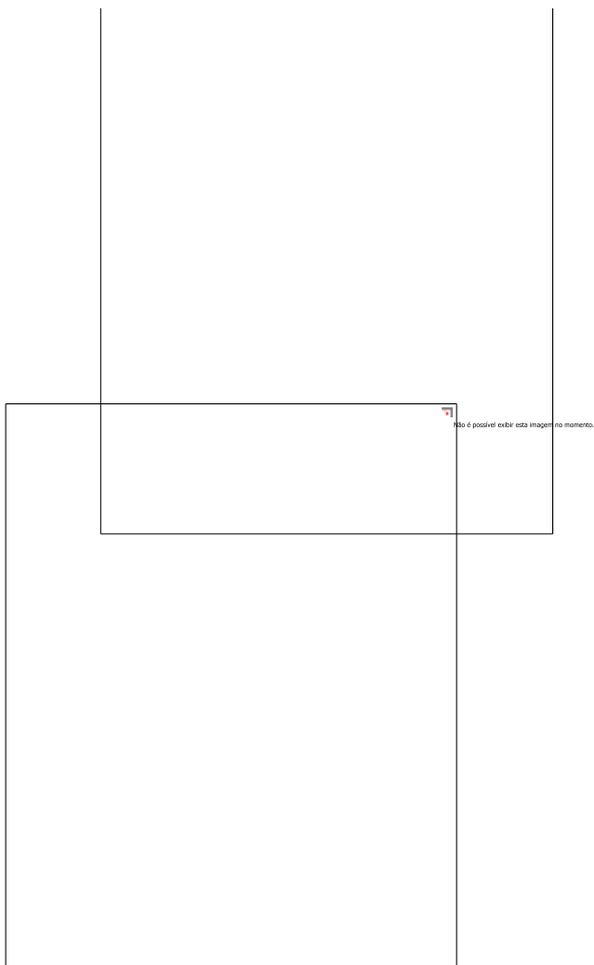
Conversamos sobre religiões e quando toquei no assunto sobre as crenças de matrizes africanas, a primeira reação foi de rejeição, medo, estórias passadas por mais velhos que “macumba” era assunto do mal.

Então fomos desconstruindo a ideia através do argumento de que não se existe filmes explicando os deuses ( entidades) africanas. Que eles viam o filme Thor e não sentiam medo,

que viam filmes de deuses egípcios e também não tinham medo, e que na verdade, eles haviam sido sugestionados a pensar assim, pois a ideia de que religião africana era do mau, foi uma mentira que foi passada por gerações, desde a época da colonização, onde tudo o que vinha da África não era bom.

Na segunda aula, passei o filme Kiriku e a feiticeira e após o filme, conversamos mais sobre os costumes, as danças e a aldeia de Kiriku (suas casas, a influência feminina no filme, e a mensagem moral que o filme passou). Fizeram desenhos e um pequeno texto sobre o filme e após a produção do texto, alguns leram os seus trabalhos para a turma toda.





Na aula seguinte, passei no quadro um texto sobre imigração africana onde tratava da escravidão na África e da vinda forçada dos negros para o Brasil. Expliquei que a escravidão já existia na África, mas de uma forma bem diferente do que aconteceu quando os Portugueses começaram a traficar os negros.

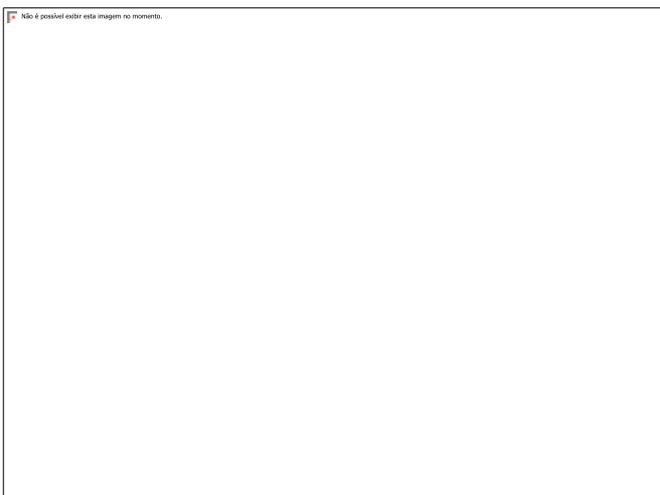
Passei um trecho do filme Amistad onde se mostra todo o processo do trafico negreiro, desde a captura, passando pela travessia do mar, até a venda do escravo já em terras americanas. Fizemos juntos, uma análise do que foi passado e eles chegaram a conclusão de que muita coisa que se fala hoje em sentido racista vem da cultura escravista onde sempre diziam que o negro é inferior, preguiçoso, bandido, pois como eles mesmo me disseram, não deram oportunidades à maioria deles quando foram alforriados (palavras dos meus alunos).

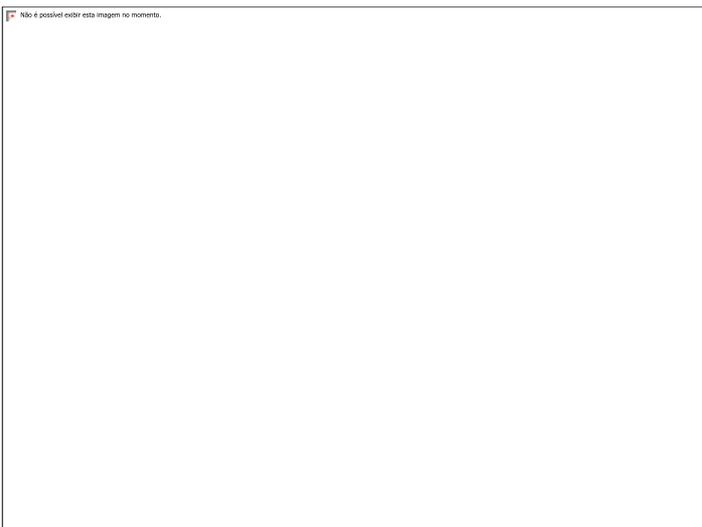
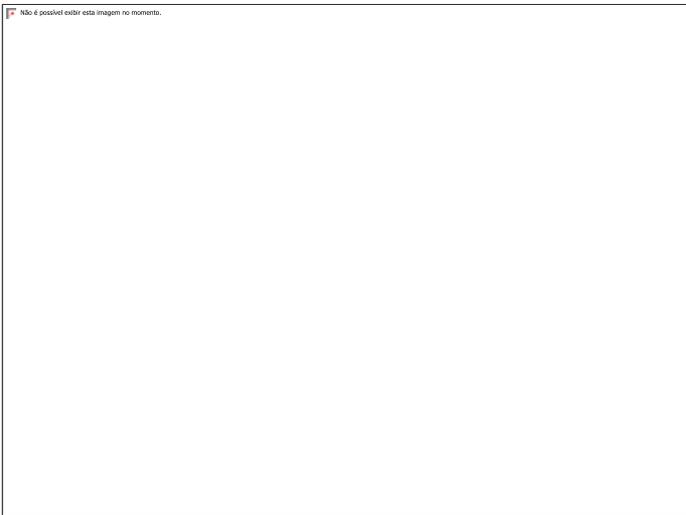
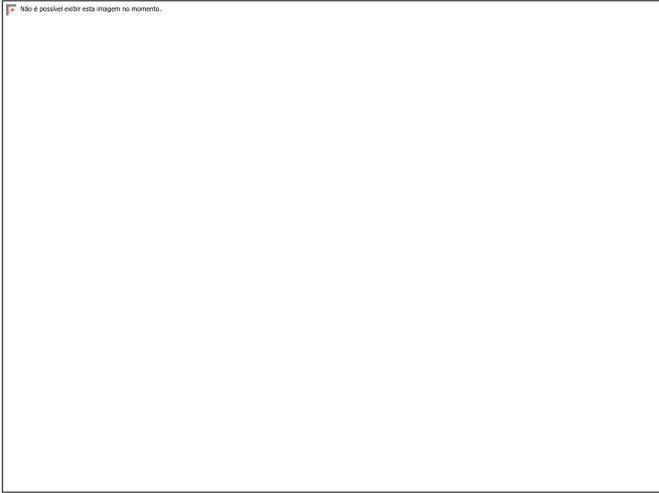
Perceberam durante nosso papo, que o preconceito e o racismo são conceitos passados por gerações, de pai para filho. Como uma aluna comentou: “ninguém nasce racista professora, são as pessoas que criam é que vão nos dando esses valores” .

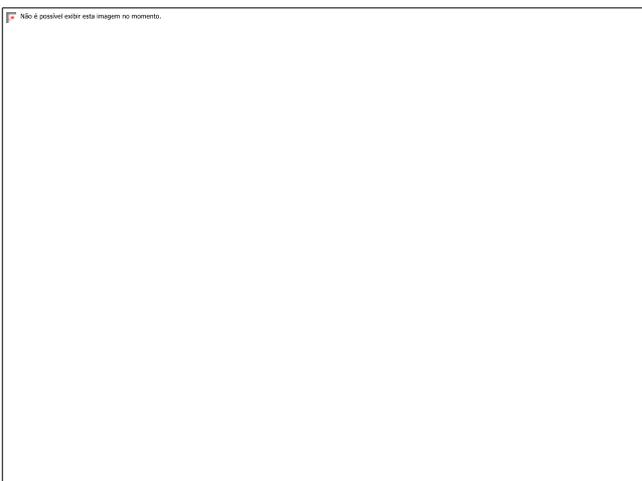
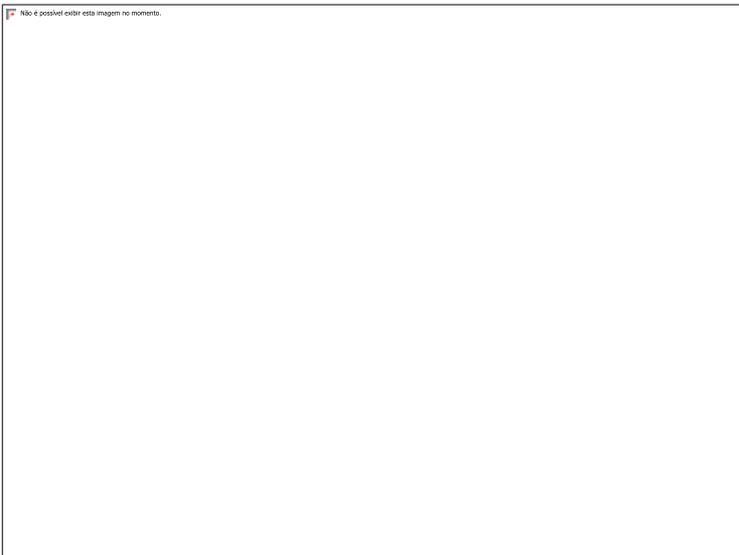
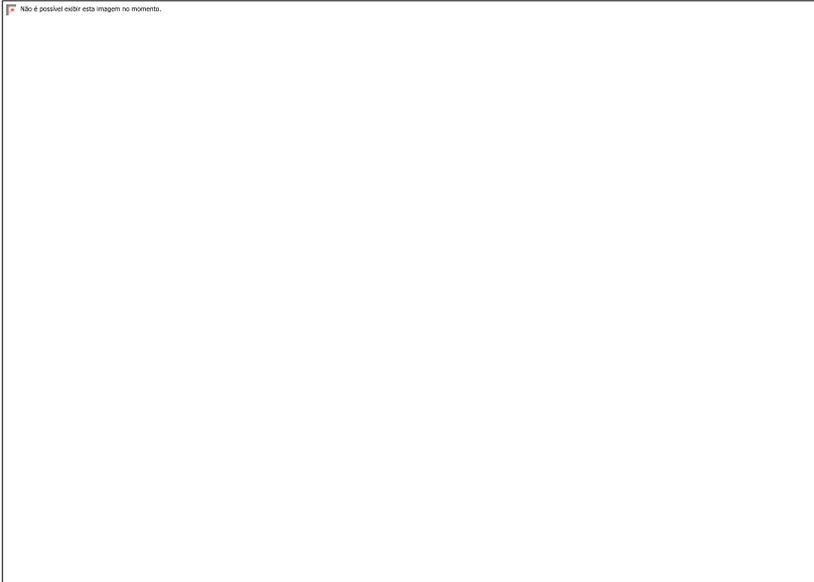
Então, aproveitando o gancho do racismo, passei mais um pequeno vídeo que eu havia visto em uma aula na pós- graduação e que me deixou muito incomodada na época. Diante do nível da conversa da última aula, sabia que ele também iria incomodá-los. O vídeo, Vista a minha pele, foi passado e como eu previa, causou muita indignação na sala.

Os alunos tiveram então, a ideia de confeccionarmos juntos vários cartazes sobre racismo e preconceito e espalharmos pela escola.

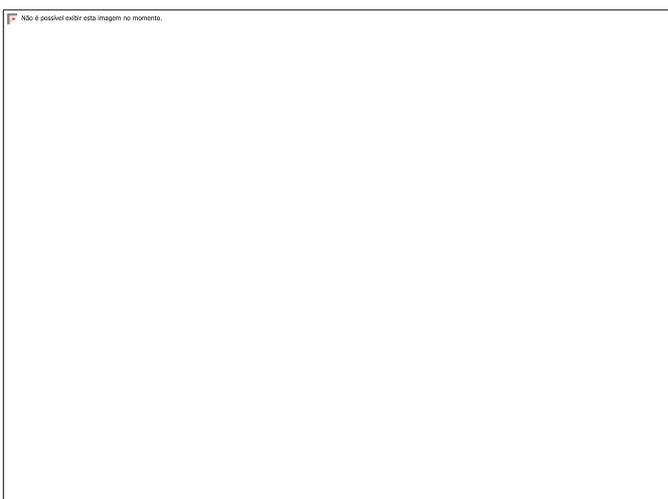
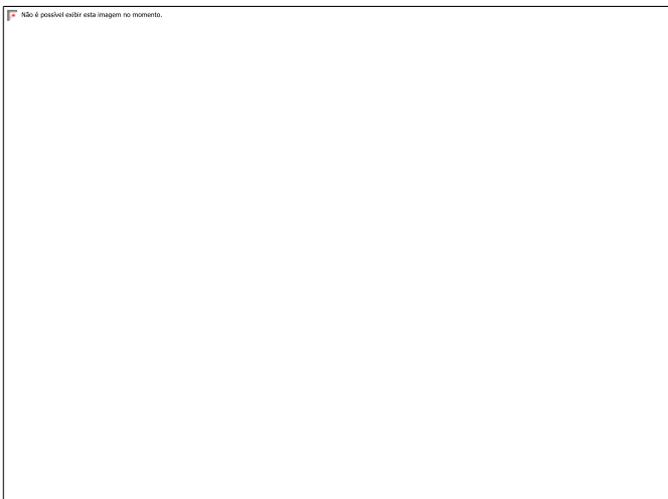
Na outra aula, levamos revistas, lápis de cor, canetinha, tinta guache, purpurina, giz de cera e cartolina e passamos a aula nos divertindo com a confecção dos cartazes. Achei lindo, a turma se unir em prol de um objetivo comum. Uns ajudando os outros, foi uma aula magnífica.







Cartazes prontos e fomos nós, colar nas paredes da escola. E logo começou a chegar curiosos querendo ver e saber o porquê daquilo tudo, e as crianças, davam uma bela aula de cidadania enquanto iam colando e espalhando magia por todos os lados da escola.





Na última aula, levei uma música do Cantor Jairzinho e o vídeo do livro Menina bonita do laço de fita. As crianças assistiram, cantaram, e mais uma vez deram a ideia de ensaiarmos a música e livro pra apresentarmos no dia da consciência negra. Achei fantástica a ideia e já estamos preparando a peça do livro e afinando as vozes.

### ***Normal é Ser Diferente***

***(Jair Oliveira)***

*Tão legal, ó minha gente!*

*Perceber que é mais feliz quem compreende*

*Que a amizade não vê cor, nem continente*

*E o normal está nas coisas diferentes*

*Amigo tem de toda cor, de toda raça*

*Toda crença, toda graça*

*Amigo é de qualquer lugar*

*Tem gente alta, baixa, gorda, magra*

*Mas o que me agrada é*

*Que o amigo a gente acolhe sem pensar*

*Pode ser igualzinho à gente*

*Ou muito diferente*

*Todos tem o que aprender e o que ensinar*

*Seja careca ou cabeludo*

*Ou mesmo de outro mundo!*

*Todo mundo tem direito de viver e sonhar*

*Você não é igual a mim*

*E eu não sou igual a você*

*Mas nada disso importa*

*Pois a gente se gosta*

*E é sempre assim que deve ser*

Analisando o que fizemos esses dias, fiquei muito feliz e satisfeita com o resultado desse bimestre trabalhando a África com eles, a turma se integrou de uma tal forma que nunca tinha visto em trabalho algum, eles realmente sabiam o que estavam fazendo e se sentiam felizes ao realizar cada tarefa passada. Estavam totalmente envolvidos e muito participativos.

A minha experiência deu tão certo que já pretendo ano que vem continuar com esse projeto de dedicar ao menos um bimestre pra tratar África da forma que os alunos possam conhecer melhor o continente, sua cultura, costumes, e desconstrua a ideia de que África se resume em escravo, miséria e atraso.

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O curso de pós- graduação em História da África foi muito bem estruturado e me deu uma base enorme para trabalhar com mais segurança e uma sabedoria qualificada e diferenciada que infelizmente falta na maioria dos professores.

Agradeço imensamente os orientadores e professores que estiveram a nossa frente nos ensinando e até nos amadurecendo cada vez mais.

Termino, esse período, muito satisfeita no que aprendi e graças ao curso estou com uma ótima perspectiva para o futuro como professora da área de história.

Agradeço imensamente a oportunidade de estar fazendo essa pós- graduação, sem o conhecimento adquirido no curso, eu jamais teria tido essa desenvoltura ao trabalhar África e escravidão com meus alunos esse ano.

Juiz de Fora, 25 de setembro de 2016

Marilena Cerqueira Siqueira Rosa